



existir potente

JOÃO DA MATA

Michel Onfray. *A potência de existir*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 2010, 144 pp.

O filósofo Michel Onfray é um pensador urgente. Na emergência de seu pensamento, estão colocadas lado-a-lado a anarquia no presente, a ética dispendiosa e jubilosa, o ateísmo combativo e a materialidade da existência. Elementos, enfim, que possam compor uma vida potente no aqui e agora.

Pensador jovem, como pouco mais de cinquenta anos, Michel Onfray apareceu na cena intelectual da França como um nietzschiano de esquerda e iconoclasta, defensor de um hedonismo atualizado ao tempo presente, no qual propõe o direito do ser humano ao prazer. Hoje, é um dos ensaístas mais populares e prestigiados de seu país. Suas obras (mais de cinquenta títulos) estão traduzidas para vários idiomas e espalhadas por diversos países. Sua proposta filosófica se quer inserida no cotidiano, articulada à experimentação com o real.

Em *A Potência de Existir*, lançado no Brasil recentemente por ocasião das comemorações do ano da França no Brasil, o autor promove uma síntese de seu pensamento – ainda em construção – e que serve também como

João da Mata é doutorando em Sociologia Econômica e das Organizações na UTL/Portugal e doutorando em Psicologia na UFF/Rio de Janeiro. Desenvolve a Soma – Uma Terapia Anarquista há cerca de vinte anos.





uma porta de entrada a uma trajetória que navega entre a ética e a política, passando também pela estética, história da filosofia, pedagogia libertária e tantos outros temas.

A trajetória intelectual de nosso intercessor mistura-se à sua história de vida. Os primeiros anos vivendo próximo à fábrica, a morada no pensionato, o encontro com o anarquismo, a curta e angustiante vida de proletário e a demissão marcante do emprego fabril foram algumas das passagens em sua história que se tornaram determinantes para seu pensamento. Estudou letras e depois filosofia. Com pouco mais de dezoito anos, entrou contato com a obra de Marx e desencantou-se com o que observava das experiências a experiência soviética. Ao fascínio com o pensamento de Nietzsche, somou-se o de obras de anarquistas como Max Stirner, Mikhail Bakunin e Pierre-Joseph Proudhon, pensadores que o faziam ver proximidades maiores que contradições com a obra nietzschiana.

No livro *A Potência de Existir* o leitor encontrará várias passagens e esboços do que Michel Onfray chama de um manifesto hedonista. Para defender seu principal conceito, o materialismo hedonista, em boa parte do livro, Onfray dedica-se a estabelecer sua crítica ao que considera a principal fonte do abandono do corpo, do prazer e da vida jubilosa: o platonismo e sua impregnação sobre o cristianismo. Apresenta então um resumo de sua *Contra-História da Filosofia*, projeto que resultou na publicação de seis volumes, na qual o autor percorre a história da filosofia em busca de pensadores que foram “esquecidos” pela filosofia oficial, para traçar uma galeria de devassos e pensadores marginais, libertários e hedonistas. Seus crimes, diz o autor, foram “propor-se o prazer, a felicidade, a utilidade comum, o contrato jubiloso; compor com o cor-





po em vez de detestá-lo; domar paixões e pulsões, desejos e emoções, em vez de extirpá-los brutalmente de si. (...) Puro prazer de existir” (p. 11).

O materialismo hedonista de Michel Onfray está apoiado no personagem conceitual do *Condottiere*. Esta figura, diz ele, é o esboço de um autêntico libertário, materialista e hedonista. Para chegar a ele, sua investigação deságua em Veneza. É lá que Onfray descobre a imagem esculpida por Andrea del Verrochio do Condottiere Bartolomeo Colleoni, que ganhou fama como mercenário de exércitos pagos para defender a cidade. No entanto, a partir de uma perspectiva nietzschiana, Michel Onfray o vê como um guerreiro, que enfrenta de forma trágica suas batalhas de vida.

O Condottiere como personagem conceito carrega a ideia de ser um condutor de si mesmo, um artífice no processo de seguir a vida. Sua ética situa-se também dentro de uma perspectiva estética, na medida em que cria sua existência como obra de arte. Sem ocupar-se em conduzir ou ser conduzido, ele está mais interessado em estabelecer suas rotas, num constante processo de criação de cartografias, onde o prazer é uma espécie de bússola e sua crítica aos valores sociais assemelha-se à Diógenes, o cínico. Este procedimento será um importante arranjo de forças na ética hedonista, procurando manter a liberdade individual conjugada à relação com o outro. Aos que veem o exercício do prazer como algo banal e desconectado ao outro, Onfray afirma: “aos olhos dos seus adversários, o hedonismo passa por ser o sintoma da indigência de nossa época: individualismo, dizem – confundindo, porém com o egoísmo: o primeiro afirma que só existem indivíduos; o segundo, que só há ele, autismo, defesa do consumidor,





indiferença para com os males alheios e da humanidade inteira” (p. 55).

Será na imanência que Onfray defende o materialismo hedonista e seu interesse pelo que se estabeleça no concreto e na prática, onde as experiências, geradas pela própria existência, possibilitem o encontro com sua virtuosidade. Segundo ele, a virtude do Condottiere será marcada pela desobediência contra a servidão e pelo ateísmo contra o ideal ascético. Ela dirige-se aos instantes de júbilo e servirá como postura afirmativa diante da vida.

Onfray quer pensar o seu Condottiere como um ser em permanente busca por tornar-se um homem total, ao encontro da completude em si mesmo; daí a noção de obra aberta utilizada pelo autor, que o vê em permanente construção, sem nunca chegar a um ponto final. Em sua dimensão ética, almeja a energia em busca de aplicação, numa tentativa estética de aproximação e equilíbrio entre a exuberância e a forma. Esta dimensão artística que o autor pretende lançar sobre seu personagem conceitual, pretende ir de encontro ao que afirmavam os gregos: *fazer de sua vida uma obra de arte*. Defende assim a noção que a arte não é apenas o objeto que está no museu, mas a própria vida e o sentido que cada um dá a ela. Não basta viver de qualquer maneira, mas há de se construir uma estética na condução da existência. Em Onfray, esta estética está atrelada à ideia de escultura: esculpir a vida é dar os contornos e as formas que cada um elege como mais singulares.

Ao final do livro, Onfray dedica-se a articular seu pensamento ético e estético com a política libertária. Seu pensamento está fortemente apoiado numa perspectiva libertária, no qual o autor procura estabelecer um cruza-





mento entre a ética e a política, entre o hedonismo e o anarquismo para elaborar uma análise anarquista contemporânea. Procura atualizar o pensamento libertário, especialmente através da noção de individualidade proposta por Max Stirner e a defesa de seu *único* radical. Seu individualismo é elevado à condição primordial para a defesa da singularidade, bem diferente de qualquer tipo de egoísmo acomodado e alienado como possa parecer. Uma anarquia que se faça atual, presente, distante de qualquer sonho de futuro promissor: “aqui e agora, e não amanhã ou para um futuro radioso, mais tarde – porque amanhã nunca é hoje... A revolução não espera a boa vontade da História maiúscula; ela se encarna em situações múltiplas nos lugares onde é ativada: em nossa família, nossa oficina, nosso escritório, nosso casamento, nossa casa, sob o teto familiar, desde que um terceiro esteja implicado numa relação, em toda a parte” (p. 140). Para isso, diz Onfray é preciso gastar-se, consumir-se para execrar a poupança existencial. Economizar vida é o grande prejuízo que se pode ter. A anarquia se inventa na permanente relação com o outro.

Michel Onfray, na construção de seu materialismo hedonista, procura combater a herança platônica e cristã que durante séculos impregnou a filosofia, a vida no ocidente e enfraqueceu a possibilidade de liberdade e prazer como condições da vida. O filósofo do prazer quer uma filosofia do real, da imanência e do corpo. Sua proposta filosófica por ser uma obra em desenvolvimento ainda apresenta lacunas, mas tem mostrado uma relevância cada vez maior na filosofia francesa contemporânea. Uma aposta filosófica que está intimamente ligado às coisas da vida: de uma vida livre, potente e jubilosa.

